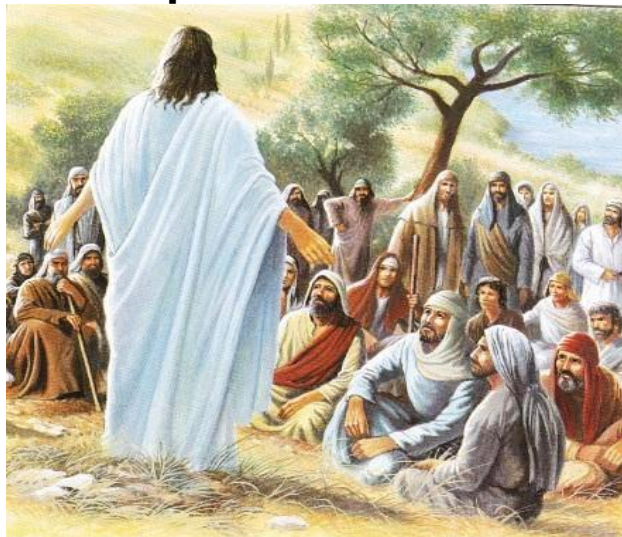


Domingo XXVII do Tempo Comum-Ano C – 05 outubro 2025



Viver a Palavra

«Até quando, Senhor, chamarei por Vós e não me ouvís?».

Esta pergunta que abre a primeira leitura da Liturgia da Palavra deste Domingo parece refletir os nossos sentimentos em tantas circunstâncias da nossa vida. Quantas vezes, diante do drama do mal e do sofrimento, diante de dificuldades e dores pessoais ou alheias, colocamos esta pergunta: «até quando, Senhor?». Com estas ou outras palavras semelhantes, elevamos até Deus as nossas dúvidas e incertezas e imploramos de Deus uma luz, uma resposta, um sentido. Esta interrogação exprime o mistério da nossa pequenez, diante da grandeza de Deus.

Por isso, o drama e o mistério do sofrimento, do mal e das dificuldades da nossa vida conduzem-nos à confiança em Deus, abrem-nos à esperança no Senhor do Tempo e da História e desafiam-nos à verdadeira fé que nasce da certeza de que não caminhamos sozinhos. Confiamos Naquele que tudo sabe e depositamos Nele toda a nossa esperança pois sabemos que o Seu amor e a Sua paz brilham na nossa vida, mesmo quando as nuvens e as sombras parecem esconder o Sol da Esperança que brilha sobre nós.

Como os Apóstolos, queremos dizer: «*aumenta a nossa fé*». Senhor, somos frágeis e pequenos, por isso, aumenta a nossa fé, fortalece a nossa confiança e conduz-nos pelas sendas do Teu amor. Mesmo quando o nosso coração se parece tolher diante das dificuldades, fazei-nos recordar sempre as palavras do Salmo: «*se hoje ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações*». Queremos um coração aberto à bondade e à misericórdia de Deus que nos faz ver na fé e no serviço o caminho que nos abre à verdadeira confiança.

«*Se tivésseis fé como um grão de mostarda!*». A fé, tal como os homens, *não se mede aos palmos*. Por mais pequena e frágil que possa ser a nossa vida, pelo poder e pela força do amor de Deus ela poderá ser sempre lugar das mais belas maravilhas do amor de Deus. Por isso, dizia S Ambrósio de Milão a propósito desta passagem: «*Foi num jardim que Cristo foi preso e sepultado; Ele cresceu neste jardim e até foi aí que ressuscitou. E assim se tornou uma árvore. Vós também, semeai Cristo no vosso jardim. Com Cristo moei o grão de mostarda, prensai-o e semeai a fé*».

Acolhamos este desafio! Diante do sofrimento ou das realidades das quais tantas vezes desconhecemos o sentido, façamos como Maria que «*conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração*» (Lc 2,19). A confiança Naquele cujo amor nunca falha, há-de conduzir-nos ao caminho certo e abrir a nossa vida a esse horizonte maior de realização e felicidade que só Deus, em Jesus Cristo e na força do Seu Espírito conhece.

Na Igreja da Imaculada em Baku, no Azerbaijão, a 2 de outubro de 2016, o Papa Francisco, comentando esta passagem do Evangelho, afirmava que neste texto estão presentes duas dimensões fundamentais da vida cristã: a fé e o serviço. O papa usava a imagem dos tapetes tradicionais daquele povo e dizia-lhes que assim como os seus belos tapetes, confeccionados artesanalmente, precisavam da trama e da urdidura para fazer tão belas obras-primas, também a vida cristã, para que se torne uma bela obra-prima deve ser construída com a trama da fé e a urdidura do serviço. Deste modo, a fé e o serviço, unidos na força do Espírito Santo, serão o caminho que nos conduzem à santidade.

Animados pela alegria de servir por amor, caminhamos conscientes que somos servos inúteis porque o mundo já está salvo, mas, desafiados pelas palavras de S. Paulo, queremos reavivar a consciência dos dons que o Senhor deposita em nossas mãos para que sejamos testemunhas audazes do serviço por amor com gestos corajosos e proféticos que anunciem a grandeza do amor de Deus nos pequenos grãos de mostarda que semeamos na estrada da vida. *in Voz Portucalense*.

+++++

No **Domingo XXVII do Tempo Comum, dia 5 de outubro de 2025**, tem início a **Semana Nacional da Educação Cristã**. A Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé publica habitualmente uma nota pastoral para esta semana que pode ser consultada no *site* desta comissão. Esta semana é uma oportunidade para recordar a ação da Igreja no âmbito educativo nas diversas valências: a Catequese, a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica e as Escolas Católicas. A Igreja Católica em Portugal propõe anualmente a Semana Nacional da Educação Cristã como tempo forte de reflexão e dinamismo em torno da tarefa da educação pensada e vivida à luz do Evangelho. Neste Domingo, Dia Mundial do Professor, realiza-se a peregrinação do Jubileu da Educação, ao Santuário de Fátima e que está a ser organizado em colaboração com o Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC) e a Associação Portuguesa de Escolas Católicas (APEC). *in Voz Portucalense*.

+++++

Continuamos no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C – onde somos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – - Habacuc 1,2-3; 2,2-4

Leitura da Profecia de Habacuc

**«Até quando, Senhor, chamarei por Vós
e não Me ouvis?**

**Até quando clamarei contra a violência
e não me enviareis a salvação?**

**Porque me deixais ver a iniquidade
e contemplar a injustiça?**

**Diante de mim está a opressão e a violência,
levantam-se contendias e reina a discórdia?»**

O Senhor respondeu-me:

«Põe por escrito esta visão

**e grava-as em tábuas com toda a clareza,
de modo que a possam ler facilmente.**

**Embora esta visão só se realize na devida altura,
ela há-de cumprir-se com certeza e não falhará.**

**Se parece demorar, deves esperá-la,
porque ela há-de vir e não tardará.**

**Vede como sucumbe aquele que não tem alma recta;
mas o justo viverá pela sua fidelidade».**

CONTEXTO

Sobre a vida e a personalidade de Habacuc, não sabemos nada: o título do livro não indica o lugar do nascimento do profeta, nem o tempo histórico em que o profeta viveu. A menção dos "caldeus" (Hab 1,6) parece situar a proclamação de Habacuc na época em que os babilónios, depois de desmembrarem o império assírio, procuravam impor o seu domínio aos povos de Canaan. Estaríamos, pois, nos finais do séc. VII a.C.... O rei de Judá é, nesta altura, Joaquim (609-598 a.C.). Trata-se de um rei fraco, incompetente, que explora o povo, que deixa aumentar as injustiças e cavar um fosso cada vez maior entre ricos e pobres; além disso, o rei desenvolve uma política aventureirista de alianças com as superpotências da época... Apesar das simpatias pró-egípcias de Joaquim, Judá sente já o peso do imperialismo babilónio e vê-se obrigado a pagar um pesado tributo a Nabucodonosor. Prepara-se a queda de Jerusalém nas mãos dos babilónios, a morte de Joaquim, a deportação do seu filho e sucessor

Joaquim (que reinou apenas três meses - cf. 2 Re 24,8) e a partida para o exílio de uma parte significativa da classe dirigente de Judá (primeira deportação: 597 a.C.). *in Dehonianos.*

ACTUALIZAÇÃO

A reflexão e partilha podem fazer-se de acordo com as seguintes linhas:

“ Com frequência encontramos pessoas que nos questionam acerca da relação entre Deus, a sua justiça e a situação do mundo: se Deus existe, como é que Ele pode pactuar com a injustiça e a opressão? Se Deus existe, porque é que há crianças a morrer de cancro ou de fome? Se Deus existe, porque é que os bons sofrem e os maus são compensados com glória, honras e triunfos? Se Deus existe, porquê o sofrimento inocente? Estas são as questões que, hoje, mais obstaculizam a crença em Deus... A nossa resposta tem de ser o reconhecimento humilde de que os projetos de Deus ultrapassam infinitamente a nossa pequenez e finitude e que nós nunca conseguiremos explicar e abarcar os esquemas de Deus...

“ Sobretudo, importa perceber que os caminhos de Deus não são iguais aos nossos. Deus tem o seu próprio ritmo; e o ritmo de Deus não é o ritmo da nossa impaciência, da nossa correria, do nosso egoísmo, dos nossos interesses... Do ponto de vista de Deus, as coisas integram-se num "todo" que nós, na nossa pequenez, não podemos abarcar. Resta-nos respeitar - mesmo sem entender - o ritmo de Deus.

“ Além disso, precisamos de aprender a confiar em Deus, a entregarmo-nos nas suas mãos, a sentir que Ele é um Pai que nos ama e que, aconteça o que acontecer, está a escrever a história por caminhos direitos (embora os caminhos pelos quais Deus conduz o mundo nos pareçam, tantas vezes, estranhos, misteriosos, enigmáticos, incompreensíveis). Há que confiar na bondade e na magnanimidade desse Deus que nos ama como filhos e que tudo fará, sempre, para nos oferecer vida e felicidade.

“ Mesmo sem entender, a nossa missão é continuar a dar testemunho... Deus chama-nos a denunciar tudo o que impede a realização plena do projeto de felicidade que Ele tem para o homem (a injustiça, a violência, a repressão, o egoísmo, o medo...); mas quanto ao tempo exato e aos moldes da intervenção salvadora e libertadora de Deus no mundo e na história pessoal de cada homem ou mulher, isso só a Deus diz respeito. *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 94 (95)

**Refrão: Se hoje ouvirdes a voz do Senhor,
não fecheis os vossos corações.**

**Vinde, exultemos de alegria no Senhor,
aclamemos a Deus, nosso Salvador.
Vamos à sua presença e dêmos graças,
ao som de cânticos aclamemos o Senhor.
Vinde, prostremo-nos em terra,
adoremos o Senhor que nos criou.
O Senhor é o nosso Deus
e nós o seu povo, as ovelhas do seu rebanho.
Quem dera ouvísseis hoje a sua voz:
«Não endureçais os vossos corações,
como em Meriba, como no dia de Massa no deserto,
onde vossos pais Me tentaram e provocaram,
apesar de terem visto as minhas obras».**

LEITURA II – 2 Tim 1,6-8.13-14

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo São Paulo a Timóteo
Caríssimo:

**Exorto-te a que reanimes o dom de Deus
que recebeste pela imposição das minhas mãos.
Deus não nos deu um espírito de timidez,
mas de fortaleza, de caridade e moderação.
Não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor,
nem te envergonhes de mim, seu prisioneiro.
Mas sofre comigo pelo Evangelho,
confiando no poder de Deus.
Toma como norma as sãs palavras que me ouviste,**

**segundo a fé e a caridade que temos em Jesus Cristo.
Guarda a boa doutrina que nos foi confiada,
com o auxílio do Espírito Santo, que habita em nós.**

CONTEXTO

A Segunda Carta a Timóteo contém, como a primeira, conselhos pastorais de Paulo para o seu grande colaborador e sucessor na animação das Igrejas da Ásia: esse Timóteo que acompanhou Paulo nas suas viagens missionárias e que, segundo a tradição, foi bispo de Éfeso.

Também aqui, é muito duvidoso que seja Paulo o autor deste texto. Os argumentos são os mesmos que vimos, a propósito da Primeira Carta a Timóteo: linguagem diferente da utilizada habitualmente por Paulo, estilo diferente, doutrinas diferentes e, sobretudo, um contexto eclesial que nos situa mais no final do séc. I ou princípios do séc. II do que na época de Paulo (o grande problema destas cartas já não é o anunciar o Evangelho, mas o "conservar a fé", frente aos falsos mestres que se infiltram nas comunidades e que ensinam falsas doutrinas).

De qualquer forma, quem escreve a carta (e que se apresenta na pele de Paulo) diz encontrar-se na prisão e pressentir a proximidade da morte. Exorta insistentemente Timóteo a perseverar no ministério e a conservar a sã doutrina. É uma espécie de "testamento", no qual Timóteo (que aqui representa todos os animadores das comunidades cristãs) é convidado a manter-se fiel ao ministério e à doutrina recebidos dos apóstolos. *in Dehonianos*

ACTUALIZAÇÃO

A reflexão e partilha podem partir dos seguintes dados:

“ A interpelação do autor da Segunda Carta a Timóteo dirige-se, antes de mais, a todos aqueles que um dia aceitaram o Batismo e optaram por Cristo... Na verdade, o mundo que nos rodeia apresenta imensos desafios que, muitas vezes, nos desmobilizam do serviço do Evangelho e dos valores de Jesus. É por isso que é preciso redescobrir os fundamentos do nosso compromisso. Quais são os interesses que influenciam a minha vida e que condicionam as minhas opções: os meus gostos pessoais, as indicações da moda, as sugestões da sociedade, ou as exigências e os valores do Evangelho de Jesus?

“ Como é que eu revitalizo, dia a dia, o meu compromisso com Cristo e com os irmãos? Há muitos caminhos para aí chegar... Mas a comunhão com Deus, a oração, a escuta e partilha da Palavra de Deus, os sacramentos são formas privilegiadas para redescobrir o sentido das minhas opções e do meu compromisso com Deus. Isto faz sentido, para mim? É este o caminho que venho procurando seguir? Mantenho com Deus esse diálogo necessário?

“ O nosso texto interpela de forma direta os animadores das comunidades cristãs. Convida-os a redescobrir, cada dia, esse entusiasmo que lhes enchia o coração no dia em que optaram pela entrega da própria vida a Cristo e aos irmãos. Convida-os a despirem-se da preguiça, da inércia, do comodismo e a fazerem da sua vida, em cada dia, um dom corajoso ao "Reino". É isso que acontece comigo? Sou forte, corajoso, sem medo, quando se trata de vencer as dificuldades que me impedem de me dar a Cristo e aos outros? O que me impulsiona é o amor, ou são interesses próprios e egoístas? Sou uma pessoa moderada e de bom senso, que não trata os irmãos da comunidade de forma agressiva e prepotente?

“ No texto há, ainda, um convite a conservar a doutrina verdadeira... O que é que isto significa: um conservar inalteradas as fórmulas e os ritos, ou um redescobrir cada dia o essencial, adaptando-o sempre às novas realidades e aos novos desafios que o mundo põe? Como é que sabemos se estamos em consonância com a proposta de Jesus? *in Dehonianos*

EVANGELHO – LUCAS 17,5-10

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo,

os Apóstolos disseram ao Senhor:

«Aumenta a nossa fé».

O Senhor respondeu:

«Se tivésseis fé como um grão de mostarda,

diríeis a esta amoreira:

'Arranca-te daí e vai plantar-te no mar',

e ela obedecer-vos-ia.

Quem de vós, tendo um servo a lavar ou a guardar gado,

lhe dirá quando ele volta do campo:

'Vem depressa sentar-te à mesa'?

Não lhe dirá antes:

'Prepara-me o jantar e cinge-te para me servires,

até que eu tenha comido e bebido.
Depois comerás e beberás tu.
Terá de agradecer ao servo por lhe ter feito o que mandou?
Assim também vós,
quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei:
'Somos inúteis servos:
fizemos o que devíamos fazer'».

CONTEXTO

Continuamos a percorrer o "caminho de Jerusalém" e a deparar com as "lições" que preparam os discípulos para o desafio de compreender e de dar testemunho do "Reino". Desta vez, o nosso texto junta um "dito" de Jesus sobre a fé e uma parábola que convida à humildade.

Nas "etapas" anteriores, Jesus tinha avisado os discípulos da dificuldade de percorrer o "caminho do Reino" (disse-lhes que entrar no "Reino" é "entrar pela porta estreita" - Lc 13,24; convidou-os à humildade e à gratuidade - cf. Lc 14,7-14; avisou-os de que é preciso amar mais o "Reino" do que a própria família, os próprios interesses ou os próprios bens - cf. Lc 14,26-33; exigiu-lhes o perdão como atitude permanente - cf. Lc 17,5-6); agora, são os discípulos que, preocupados com a exigência do "Reino", pedem mais "fé".

O "dito" sobre a fé que ocupa a primeira parte do Evangelho que hoje nos é proposto aparece numa forma um pouco diferente em Mt 17,20 (um "dito" análogo lê-se também em Mc 11,23 e Mt 21,21, a propósito da figueira seca). No estado atual do texto, é muito difícil definir o contexto original do "dito" de Jesus, o seu enquadramento e o seu significado... Aqui, no entanto, ele serve a Lucas para manifestar a preocupação dos discípulos com a dificuldade em percorrer esse difícil "caminho do Reino". *in Dehonianos.*

ACTUALIZAÇÃO

A reflexão pode fazer-se a partir das seguintes coordenadas:

“ A "fé" é, antes de mais, a adesão à pessoa de Jesus Cristo e ao seu projeto. Posso dizer, de facto, que é a "fé" que conduz e que anima a minha vida? Jesus é o eixo central à volta do qual se constrói a minha existência? É Jesus que marca o ritmo e a cor das minhas opções e dos meus projetos?

“ O "Reino" é uma realidade sempre "a fazer-se"; mas apresentam-se, com frequência, situações de injustiça, de violência, de egoísmo, de sofrimento, de morte, que impedem a concretização do "Reino". Como é que eu - homem ou mulher de fé - ajo, nessas circunstâncias? A minha "fé" em Jesus conduz-me a um empenho concreto pelo "Reino" e entusiasma-me a lutar contra tudo o que impede a concretização do "Reino"? A minha "fé" nota-se nos meus gestos? Há algo de novo à minha volta pelo facto de eu ter aderido a Jesus e pelo facto de eu estar a percorrer o "caminho do Reino"? Quais são os "milagres" que a minha "fé" pode fazer?

“ Nós, homens, somos, com frequência, muito ciosos dos nossos direitos, dos nossos créditos, daquilo que nos devem pelas nossas boas ações. Quando transportamos isto para a relação com Deus, construímos um deus que não é mais do que um contabilista, que escreve nos seus livros os nossos créditos e os nossos débitos, a fim de nos pagar religiosamente, de acordo com os nossos merecimentos... Na realidade - diz-nos o Evangelho de hoje - não podemos exigir nada de Deus: existimos para cumprir, humildemente, o papel que Ele nos confia, para acolher os seus dons e para O louvar pelo seu amor. É nesta atitude que o discípulo de Jesus deve estar sempre.

“ De certas pessoas diz-se que "não dão ponto sem nó", para descrever o seu egoísmo e as suas atitudes interesseiras. Porque é que fazemos as coisas? O que é que motiva as nossas ações e gestos: o amor desinteressado, ou o interesse pela retribuição. *in Dehonianos.*

Para os leitores:

A **primeira leitura** abre com um conjunto de perguntas dirigidas ao Senhor. Estas perguntas traduzem o clamor do profeta diante da injustiça e iniquidade. Deste modo, a proclamação desta leitura deve ter atenção o tom interrogativo e interpelador com o texto inicia. Na leitura das frases interrogativas, deve evitar-se a excessiva entoação no final da frase, no ponto interrogativo, mas aproveitar a partícula interrogativa como lugar da entoação (“até quando”; “porque”). Em contraponto com a interpelação interrogativa do profeta está a resposta de Deus que anuncia a certeza da sua ação salvadora no tempo oportuno.

Na **segunda leitura**, Paulo exorta a Timóteo a reavivar o dom de Deus que lhe foi concedido. A proclamação desta leitura deve ser marcada pelo tom exortativo, tendo em atenção as diversas formas verbais no imperativo.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)